

## **A TAREFA DA POESIA É SIMPLEMENTE<sup>1</sup>**

**Antoine Berman**

Pois para a contemplação, veja, há um limite,  
e o mundo aspirado pelo olhar  
quer se desabrochar no amor.  
A obra do olhar está feita,  
Faça, agora, a obra do coração.

Rilke<sup>2</sup>

Aprendi com os pássaros a perda da visão  
Schehadé<sup>3</sup>

A. A tarefa da poesia é simplesmente: dizer as coisas na sua visibilidade, fazê-las entrar, desde que visíveis, no poema, no espaço do poema.

---

<sup>1</sup> Este texto foi publicado originalmente na revista *La Délirante*, nº1, em julho de 1967. Todas as citações (com exceção da epígrafe de Schehadé) foram traduzidas pelo próprio Antoine Berman, do alemão para o francês. Optamos por traduzir as citações do francês, procurando manter proximidade com as escolhas tradutórias do autor. [N. do T.]

<sup>2</sup> Epígrafe extraída do poema *Wendung* (em português, *Virada*). Segundo a crítica, em 1910, Rainer Maria Rilke (1875 - 1926) teria deixado para trás a fase poética que denominava como “obra do olhar”, para dar início a uma nova fase, então denominada “obra do coração”. O poema *Wendung*, escrito em 1914, seria a celebração dessa nova fase. [N. do T.]

<sup>3</sup> Georges Schehadé (1905-1989), poeta e dramaturgo libanês de expressão francesa. [N. do T.]

B. Poeta é aquele que é puro olhar...

A. O *Réquiem para o conde de Kalkreuth*<sup>4</sup> celebra o olhar que nada cobiça, o olhar do grande artista. Esse olhar nada apreende (porque apreender já é escolher, conservar), mas a tudo se oferece, sem limitações, sem restrições. O todo do visível é precisamente seu peso, sua plenitude e seu tormento.

B. *A desmesura da influência...*

A. Fazer a obra do olhar é expor-se ao todo do visível, ao todo da paisagem.

A. Não se trata de compor cenas poéticas sutis e delicadas.

B. No entanto, o visível, aqui, não é amado, mas somente acochado pela insistência do olhar. E o íntimo das coisas, o *outro lado da natureza*, permanece inviolado. O que não é simplesmente invisível, mas profundamente desviado do visível.

B. Obra do olhar, a poesia ignora o avesso invisível de tudo.

A. Estranha ignorância. Sem dúvida esse avesso não é nada de tangível, de verificável, de objetivo... A obra do olhar é a poesia que diz a coisa em sua bela visibilidade, que diz a coisa como coisa-do-mundo, como brilho e riqueza.

B. *A natureza mais profunda de todo grão significa o trigo, e todo metal significa o ouro*, dizia Mestre Eckart<sup>5</sup>.

A. Toda coisa é ouro e trigo. Símbolo. O símbolo não indica uma falta, mas uma plenitude de ser. Preciosa, tangível, simbólica, a coisa é mercante: coisa de mercado.

B. O ser mercante da coisa, oposto a seu ser revirado, desviado, pelo qual ela é apenas pobreza, ausência, partida...

---

<sup>4</sup> *Für Wolf Graf Von Kalkreuth* (1908). [N. do T.]

<sup>5</sup> Meister Eckart (1260-1328), frade dominicano, teólogo e filósofo da Idade Média. [N. do T.]

- A. A coisa como bem, e como declínio.
- B. Abandonar a obra do olhar pela obra do coração é abandonar a coisa mercante, tangível e simbólica.
- A. Estar atento apenas à virada, e a nada mais.
- B. Passagem da obra do olhar à obra do coração.
- A. Passagem que por si mesma é giro, virada...
- B. Mas o que é uma passagem?
- A. Nós ainda não a conhecemos senão muito imperfeitamente. Um poema tardio de Rilke diz: *o que passa canta, Gehn sei Gesang*.
- B. A passagem, o movimento que é pura passagem, é canto.
- A. E se o canto é passagem, fazer a obra do coração é libertar-se do olhar, e entrar mais profundamente na lei do canto que é passagem.
- B. Cantar: entrar em passagem.
- A. Os *Sonetos a Orfeu*<sup>6</sup> dizem ainda mais corajosamente: *Gesang ist Dasein, canto é existência*. E Hölderlin: *bald aber sind wir Gesang, em breve seremos canto...*<sup>7</sup>
- B. Ou seja: a existência é passagem.
- A. Mas ela só é verdadeiramente passagem se, num giro essencial, ela abandona a obra do olhar pela obra do coração. E a obra do coração é declínio.
- B. Isso permanece obscuro.
- A. Ainda estamos distantes daquilo que diz tal frase. Em primeiro lugar: o coração é mais amoroso, mais protetor que o olhar. Enquanto a poesia consome-se sendo puro olhar, ela não cumpre sua lei essencial.

---

<sup>6</sup> *Die Sonette an Orpheus* (1922). [N. do T.]

<sup>7</sup> *Friedensfeier* (*Festa da paz*), de 1803. [N. do T.]

Sem dúvida, a paisagem inteira parece repousar no olho oferecido, que, à imagem da anêmona, do lago ou do espelho, é acolhimento infinito...

B. Mas o olho não tem intimidade própria.

A. É por isso que há repouso para as coisas apenas nessa dimensão, mais secreta e isolada, que é a do coração.

B. O coração é o invisível por excelência.

A. O amor é a poesia que quer abrigar as coisas no espaço íntimo do coração. A obra do coração é a poesia que gostaria de confiar todo o visível à invisível intimidade do coração.

B. Mas Rilke diz de bom grado que não se aprende o amor...

A. Na virada, há essa exigência de que o amor seja enfim aprendido.

B. Não há a menor dúvida de que nosso coração seja tal dimensão, protetora e protegida, ao menos enquanto puro coração. Hofmannstahl<sup>8</sup> já escrevia, numa língua talvez sobrecarregada de psicologia: *Nós não somos mestres de nós mesmos: de fora, algo sopra em nós, nos escapa e, de súbito, retorna num sopro. Claro, nosso eu! Essa palavra é tal metáfora. Os sentimentos, as emoções, que outrora fizeram de nós o seu ninho, viram-se para ela. Mas trata-se ainda dos mesmos sentimentos, das mesmas emoções? Não será, antes, sua descendência que retorna movida por uma obscura nostalgia da terra natal. Seja como for, alguma coisa retorna. Encontra em nós outra coisa qualquer. Nós não somos nada mais do que um pombal.*

A. Estranho abrigo, aberto, transpassado, rasgado. Mas Rilke diz exatamente isso: o interior aberto, poroso, e quase inabitável. E é por isso que cabe acrescentar: é a profundidade do coração, o coração do coração, que é abrigo.

B. A tarefa do amor é, portanto, a de abrigar todas as coisas nessa profundidade invisível, nessa intimidade intacta e solitária que, talvez, nos exclua.

---

<sup>8</sup> Hugo Von Hofmannstahl (1874 - 1929), escritor e dramaturgo austríaco. [N. do T.]

A. Coração e poema são, aqui, idênticos. Fazer a obra do coração é fazer com que o poema se torne coração, e o coração, poema. É fazer com que o poema seja hermético, porque o coração é, essencialmente, hermético.

B. Isso que você afirma é bem enigmático: como é que se pode dizer do acolhedor por excelência que ele é hermético, fechado em si mesmo?

A. O abrigo é hermético, fechado em si mesmo, justamente por ser abrigo. Aberto ele é, claro, mas unicamente para aquilo que ele acolhe, envolve e protege.

B. Para nós, ele permanece fechado.

A. E o hermético não é simplesmente o que está fechado, mas o que não se volta para nós, o que é desviado, revirado, e, assim, nos desdenha e nos exclui. O coração é hermético enquanto dimensão que abriga e que protege. Ele não está aberto a todos os ventos, como o interior de Hofmannstahl.

B. Ele não é um pombal...

A. O poema é, à imagem do coração, coração mais puro, mais firme, mais seguro que o coração humano. Rilke escreve à Benvenuta<sup>9</sup> estas linhas memoráveis: *quando a música fala, não é a nós que ela fala. A obra-prima artística realizada não nos importa senão na medida em que sobrevive a nós. O poema entra na linguagem pelo interior, por um lado sempre desviado de nós; ele a completa, ele a preenche maravilhosamente, subindo até seu extremo limite, – mas ele nunca se volta para nós. As cores se lançam sobre a tela, mas a embaçam, como a chuva a paisagem: e o que o escultor pode mostrar à sua pedra é, sobretudo, o quanto mais esplendidamente ela se fecha ela mesma.*

B. Isso diz respeito, em primeiro lugar, ao poeta: ele não vê senão a face obscura e exterior de sua obra. O astro brilha, mas não para ele.

A. Na verdade, para ninguém. Para o anjo, talvez? Mas o que esse nome nomeia senão o inconcebível limite, o inconcebível face a face

---

<sup>9</sup> *Briefchesel mit Magda von Hattingberg "Benvenuta" (1914).* [N. do T.]

do poema em si mesmo hermético e inacessível? Jamais teremos acesso ao espaço do poema.

B. Solicitar o que tão claramente nos desdenha seria ignorância, loucura. É estranho que o coração, que é imenso, seja assim desviado de nós; e nós mal podemos dizer *nosso* coração.

A. Assim, ele nos supera sempre, por ser mais alto, mais profundo, mais infinito. Contudo, nesse giro e nessa superação, ele nunca nos abandona: nós gravitamos secretamente em torno dele.

B. A obra do coração é, portanto: abandonar todas as coisas ao íntimo e ao hermético do coração.

A. E para nós: entrar na curva e na gravitação de sua partida.

B. Doravante, as coisas passam *da balança do mercante...*

A. ... *ao equilíbrio do espaço...*

B. ... onde elas se realizam no invisível.

A. Obra do coração: realizar as coisas no invisível. Ora, eis a virada essencial, nós a chamamos passagem, declínio. A paisagem não encontra seu repouso verdadeiro no olhar, mas na intimidade do coração e do poema.

B. A outra vertente.

A. No declínio do coração, *as coisas cuja vida é declínio*, encontram o repouso e a plenitude que lhes são próprios.

B. O amor: realizar o que nas coisas é inclinação, e, para isso, lançá-las no espaço do coração, que é queda.

A. Rilke admira *essa profunda inocência do coração humano, pela qual é capaz de traçar, em sua queda irresistível até a ruína, uma linha pura.*

B. Que o destino seja declínio, eis a melancolia.

A. Melancolia, ou atração pela outra vertente...

B. A virada é o movimento rumo a essa vertente, o espaço onde tudo é queda, adeus, inclinação.

A. A virada é o declive, um giro rumo ao íntimo do coração.

B. A obra de poesia é, doravante, obra do coração: abandonar tudo na vertente do íntimo do coração.

A. Celebrar a partida, o adeus, o giro do adeus. Celebrar *Weg und Wendung, caminho e virada*. O essencial do caminho reside na virada. Que o caminho jamais seja o caminho reto, mas o curvo, o lento, o sinuoso...

B. Que ele se demore em si mesmo, ao invés de precipitar o seu final...

A. O sinuoso demora-se em si, não cansa de deter-se nas curvas de seu curso. Sinuoso o caminho o é, porque ele é pura inclinação para si. E demorar-se é seguir o movimento próprio do caminho, movimento que não cansa de repousar. Graças à virada, o caminho demora-se nesse lugar algum do seu curso e deixa a região das metas e dos fins.

B. Torna-se solidão...

A. Isso é o próprio de todo caminho: ser partida, virada, e também repouso na partida e na virada.

B. Sinuoso, então, é o que na partida se demora.

A. Prodígio do caminho, ele assim nos dá a ver a unidade da lentidão e da partida.

B. Desse modo, ele confirma, secretamente, que toda partida é acordo e suavidade.

A. A poesia é a partida, essa *santa separação, heiliger Abschied*, que se realiza como caminho e como virada. Ela conduz todas as coisas ao lugar algum do espaço do coração.